

SHOW BOAT / 1936

(*Magnólia*)

um filme de James Whale

Realização: James Whale / **Argumento:** Oscar Hammerstein II, baseado na peça musical homónima de Oscar Hammerstein II e Jerome Kern, adaptada de um romance de Edna Ferber / **Fotografia:** John Mescall / **Direcção Musical:** Victor Baravelle / **Direcção Coreográfica:** Le Roy J. Prinz / **Canções:** "Ol' Man River", "Cotton Blossom", "Where's the Mate For Me", "Make Believe", "Can't Help Lovin'Dat Man", "I Have the Room Above Her", "Gallivantin'Around", "You Are Love", "Ah Still Swites Me", música de Jerome Kern e letra de Oscar Hammerstein II; "Bill", música de Jerome Kern, letra de P.G. Wodehouse; "Goodbye, Ma Ladie Love", música de Jerome Kern, letra de Joe Howard; "After the Ball", música de Jerome Kern, letra de Charles K. Harris / **Montagem:** Ted Kent e Bernard W. Burton / **Interpretação:** Irene Dunne (Magnolia Hawks), Allan Jones (Gaylord Ravenal), Charles Winninger (Capitão Andy Hawks), Paul Robeson (Joe), Helen Westley (Parthy Hawks), Helen Morgan (Julie), Donald Cook (Steve), Sammy White (Frank), Sunny O'Dea (Kim Ravenal), Queenie Smith (Ellie), J. Farrell MacDonald (Windy), Hattie McDaniel (Queenie), etc.

Produção: Carl Laemmle Jr. para a Universal / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, legendada em português / **Duração da versão original:** 110 minutos / **Duração da versão a exhibir:** 82 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 14 de Maio de 1936 / **Estreia em Portugal:** Cinemas Odeon e Palácio, a 10 de Marco de 1937.

Antes do início impõe-se um breve aviso: esta cópia de **Show Boat**, recuperada do nitrato pela Cinemateca Portuguesa, foi adquirida à exploração comercial, nos finais dos anos 40. É uma versão consideravelmente amputada e com inúmeros e evidentes "saltos", resultantes do seu uso e, muito provavelmente, do hábito que então havia de "encurtar" filmes para permitir sessões duplas não muito longas. O facto de se tratar dum testemunho coevo (uma das raras cópias "originais" que subsistem dos musicais americanos dos anos 30) e a qualidade que se conserva na sua tonalidade primitiva são valores que têm a sua contrapartida no estado das cópias. Recupera-se em "restauração" o que se perde em tempo, ou recupera-se na História o que se perde em história.

Show Boat conheceu três versões cinematográficas. Tudo começou em 1926 quando Edna Ferber publicou um romance homónimo, na linha duma série de obras que, nos anos 20, revisitavam (e valorizavam) o património cultural negro. O romance foi escrito, ao que se diz, já a pensar na sua transposição para os palcos, numa altura em que, depois dos enormes êxitos de **The Emperor Jones** e **All God's Children Got Wings** de Eugene O'Neill, o "Negro Theatre" andava na moda. Jerome Kern e Oscar Hammerstein II foram convidados a transformar o livro numa peça musical, que se estreou em 1927, com estrondoso êxito. Jules Bledsoe, então um dos mais conhecidos actores negros, cantou o imortal "Ol' Man River". Mas o verdadeiro criador desse *hit* foi, no ano seguinte, em Londres, Paul Robeson, que fez ajoelhar a crítica inglesa, chamando-lhe "A Negro Genius".

Logo nesse ano, a Universal comprou os direitos da peça para a primeira adaptação cinematográfica, dirigida por Barry Pollard com Laura LaPlante e Joseph Schildkraut nos protagonistas. O filme foi ainda concebido como mudo, acompanhado por gravações das canções

de Kern. Estreado em 1929, caiu na pior altura, quando toda a produção já era praticamente sonora. A Universal, à pressa, ainda fez do filme um *part-talkie* mas com processos tão rudimentares que a versão fracassou. Diz-se que era extremamente melodramática mas nenhuma cópia subsistiu para nos permitir, hoje, emitir um juízo.

Seja como for, Laemmle ficou desolado e pensou, logo no início dos *thirties*, numa nova versão. A ideia mais se lhe radicou quando a peça foi reposta na Broadway (em 1932) já com Paul Robeson no papel de Joe (pela primeira vez, na América) e a famosíssima cantora mulata Helen Morgan (que morreria, no último estado do alcoolismo em 1941, aos 40 anos e cuja vida inspirou o *biopic* de Michael Curtiz, **The Helen Morgan Story**, com Ann Blyth, na protagonista). Laemmle contratou imediatamente Morgan, Robeson e Charles Winninger (que também havia criado o papel no palco) para o *remake* de **Show Boat**. Mas hesitou muito nos papéis principais que acabou por confiar a Irene Dunne e Allan Jones, entregando a realização, numa escolha insólita, a James Whale.

Uma terceira versão (a cores) foi feita em 1951, com Kathryn Grayson e Howard Keel nos protagonistas e Ava Gardner no papel que nesta versão cabe a Helen Morgan. Dirigiu-a George Sidney para a Metro.

Das três versões, a mais prestigiosa é a que vamos ver, sobretudo devido à criação de Irene Dunne e às "presenças físicas" de Paul Robeson e Helen Morgan, com tudo o que de mítico significam.

Mas, para mim, o maior motivo de interesse (quase diria de paixão) por este **Show Boat** reside na realização de James Whale. Porque tudo o que caracteriza a obra deste cineasta não muda essencialmente nesta passagem ao musical. E não deixo de abrir a boca de espanto que esse universo se tenha mantido. Mas manteve-se: não há musical mais brumoso que este **Show Boat**, descrevendo um "circulo maléfico" em torno das suas prodigiosas sequências (inicial e final) em que Paul Robeson canta o "Ol' Man River", colocando os personagens sobre a maldição do rio, envolvendo o melodrama numa coralidade trágica. O que é patente na sequência da noite da tempestade (a do nascimento de Kim) em que um negro expressamente sublinha essa maldade do rio. Há os personagens devorados por ele (aqueles *close ups* de Helen Morgan, que Thomson compara ao Renoir do **French Can-Can**), com Julie a mãe de Magnolia (ambígua personagem, oscilando entre o grotesco e o sinistro), Ravenal ou os negros; e há os "personagens da passagem" como Winninger que tentam vencer com um sorriso a força da tragédia, Magnolia é o cruzamento das duas forças ("Can't Help Lovin Dat Man") mas partilhada sempre entre a luz e a sombra. O único personagem que emerge é Kim, não criado naquele espaço fatídico.

O espaço não me deixa ir por aí fora como gostaria, mas vejam o filme à luz daquela genial sequência no teatro, em que Winninger inventa o "efeito do artifício" para impedir que o "efeito do real" vá longe de mais. Narrando e interpretando a acção, interpõe entre ela e os espectadores o "écran" que faz triunfar a absoluta ilusão, eliminando o "mau" pela anulação da sua presença e tranquilizando, assim, o espectador mais identificado.

E não tenho adjectivos para a iluminação: para a cena em que o branco "absorve" o sangue de Helen Morgan (o grande plano da faca, o beijo); para o "Bill" de Helen Morgan; para o plano fabuloso de Irene Dunne e Allan Jones, na varanda junto ao rio; para a sequência do casamento; para, ainda no teatro, o efeito da lua ou do morcego; para a sequência no colégio de freiras; para o triunfo de Magnolia, sustentada pelo pai; ou (volta a Helen Morgan, o personagem deste **Show Boat** que mais me fascina) o plano dela, oculta, quando saúda Magnolia no cabaret de Chicago.

Este **Show Boat** é coisa rara, dedicada aos *happy few*. Provavelmente, o único musical que é também um filme de terror ou o único filme de terror que é também um musical. *Long live to the smile. Long live to the apell.*

JOÃO BÉNARD DA COSTA